

EM FOCO

UNIRIO

EDIÇÃO 25 | MAIO~JUNHO/2021

Era da tecnologia

A interação cada vez maior entre humanos e aplicativos computacionais levanta questões para a sociedade e gera novas áreas de estudos na Academia. A segunda edição do Congresso Internacional em Humanidades Digitais (HDRio 20/21) discutiu caminhos possíveis na encruzilhada contemporânea entre o real e o virtual

POR GIBRAN ROCHA

O campo acadêmico das Humanidades Digitais é ainda recente e em processo de construção. Ele surge com uma proposta interdisciplinar para analisar os impactos da transformação digital na produção do conhecimento, nas formas de arquivamento, produção e processamento das informações no mundo contemporâneo.

Documentos e arquivos digitais, novas mídias, algoritmos, inteligência artificial e as novas formas de circulação do conhecimento histórico são alguns dos temas abrangidos pelo campo das Humanidades Digitais. Inicialmente, a área pode ser entendida como o estudo da transferência para os meios digitais do trabalho tradicional com textos, objetos culturais e outros dados, porém, com isso, ampliando radicalmente seus usos potenciais.

Uma marca comum entre os projetos conduzidos sob o rótulo de Humanidades Digitais é a complexa relação entre práticas tradicionais e novas tecnologias. “Em meados da década de 1990 eu já estava convencida de que as redes digitais estavam surgindo com força suficiente não só para durar no tempo, mas também para crescer e se multiplicar”, disse a pesquisadora Lucia Santaella, professora titular na pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, durante a abertura da segunda edição do Congresso Brasileiro de Humanidades Digitais (HDRio 20/21). Ela destacou que as

humanidades digitais seriam não um campo unificado, “mas uma gama de práticas convergentes que exploram um universo onde o texto não é mais o único meio exclusivo onde o conhecimento é produzido e disseminado”.

Uma marca comum entre os projetos conduzidos sob o rótulo de Humanidades Digitais é a complexa relação entre práticas tradicionais e novas tecnologias.

Realizado em abril deste ano, o HDRio 20/21 teve como tema *Encruzilhadas Contemporâneas*. “Eu sugeri esse tema, que gerou questionamentos, pois o termo encruzilhada, para colegas de países europeus, tem um sentido de lugar de indecisão, algo que precisa ser superado rapidamente. Mas a encruzilhada na tradição afro-brasileira tem uma conotação positiva, de potência, um encontro em busca da saída para uma meta. A ideia é a gente ocupar essas encruzilhadas e aproveitar toda riqueza que esses encontros podem oferecer”, disse Charles Feitosa, professor do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO, na abertura do eixo principal do evento.

Labogad



Um dos responsáveis pela organização do HDRio 20/21, o Laboratório de Preservação e Gestão de Acervos Digitais (Labogad), da UNIRIO, foi criado em 2017 com caráter multidimensional. Tem como finalidade integrar atividades de pesquisa, ensino e extensão para desenvolver soluções em preservação e gestão de acervos digitais de documentos arquivísticos.

As atividades do Laboratório são realizadas em uma sala no Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCH) da UNIRIO. Coordenado pelos professores Jair Martins de Miranda e Charles Feitosa, o Labogad promove estudos de caráter transdisciplinar nos campos da Convergência Digital, Representação e Organização do Conhecimento, Inteligência Coletiva, Humanidades Digitais e Memória Social. O Laboratório desenvolve ainda plataformas e projetos acadêmicos e promove encontros e seminários de formação e capacitação.

Organizado pelo professor Jair Martins de Miranda, à frente do Laboratório de Preservação e Gestão de Acervos Digitais (Labogad), do Centro de Ciências Humanas da UNIRIO, o evento contou com diferentes parcerias, entre elas, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e o Instituto Urca. “É uma área muito grande e diversa, mas temos a função de integrar e sistematizar”, explicou Jair, sobre as atividades para organizar o campo das Humanidades Digitais.

O Congresso contou com 12 eixos temáticos, que abordaram diferentes aspectos abrangidos pela área. O eixo *Pensamentos Contemporâneos e Mundo Digital* investigou as implicações do advento das tecnologias sobre os seres humanos e suas representações, tendo como fio condutor os impactos da crescente digitalização da vida e da cultura.

Para Ana Wegner, doutora em Artes Cênicas pela Université Paris 8, a preocupação principal dessa linha são os impactos positivos e negativos das tecnologias digitais sobre o sensível, os afetos e o corpóreo. “Como que a gente pode conciliar tudo isso? Eu acredito que as artes podem abrir reflexões pertinentes para essa que será uma das grandes questões do próximo decênio”, disse ela.

Cleomar Rocha, pós-doutor em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP), foi convidado do eixo *Artes e Expressões Digitais*, que teve por objetivo investigar as estéticas e linguagens produzidas ou difundidas em plataformas digitais. “Enquanto a ciência busca o conhecimento, a tecnologia vai buscar o controle. Esses dois elementos fundam a sociedade contemporânea”, contextualizou ele durante sua palestra.

Segundo o pesquisador, a cultura digital, na Teoria Crítica, vai além dos aparatos, pensando o conhecimento de forma descontínua e fragmentada. “A cultura digital não se trata apenas do acesso aos bens tecnológicos, mas da compreensão de uma nova lógica que altera toda uma organização anterior”, aponta.

Entre elementos que podem ser modificados, ele cita o processo de ensino-aprendizagem. “A sala de aula é um artifício criado em determinado momento histórico e que não cabe mais no momento atual. O lugar de aprender não é sala de aula, é o cérebro”. Segundo Cleomar, precisamos entender o digital com uma instrução cultural que altera valores e quesitos de sociabilidade.

Encerramento da HDRio20/21



Associação Brasileira de Humanidades Digitais

Como parte da segunda edição do HDRio 20/21, foi realizado um evento de lançamento da Associação Brasileira de Humanidades Digitais (ABHD). A Associação pretende reunir pesquisadores e profissionais que atuam na área, tendo como um dos primeiros objetivos a publicação da Revista Brasileira de Humanidade Digitais, com os textos completos enviados ao Congresso. Outra proposta a ser desenvolvida prioritariamente pela ABHD é a criação de um programa educacional, tendo como parâmetro o trabalho desenvolvido pelo pesquisador Luís Frederico em associações africanas de Humanidades Digitais.

Evento de Lançamento da ABHD



O eixo *Acervos Digitais e Memória Social* discutiu sobre a pesquisa e as práticas profissionais de gestão, preservação, acesso e reutilização de conteúdos eletrônicos. A musicista Rosana Lanzelotte, pesquisadora e doutora em Informática, participou de debates do eixo. Em 2009, ela criou o portal Musica Brasilis, que visa ao resgate e à difusão dos repertórios brasileiros de todos os tempos.

Para Rosana, o tema da preservação da memória nos meios digitais brasileiros ainda é incipiente. “Cada instituição acaba tendo que se preocupar com sua própria preservação digital e, em um país como o Brasil, isso é um absurdo. Deveria haver uma política pública de preservação digital”, disse ela durante o evento.

Outros eixos do Congresso discutiram temas como inovação na Era Digital, reunindo criadores e empreendedores que têm inovado com plataformas, games e aplicativos móveis, e houve espaço ainda para debates sobre o uso de ferramentas digitais como forma de acesso ao conhecimento científico e a informações de interesse público durante a pandemia da Covid-19.

Todas as atividades podem ser assistidas no YouTube, pelo canal [HDRio2021 Congresso Internacional](#).

Lançamento de livros

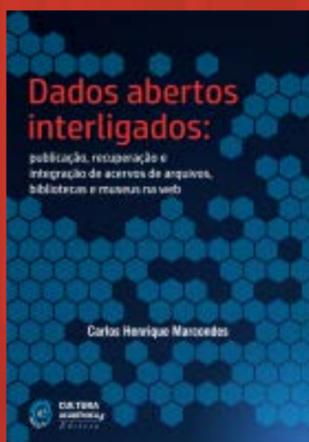
9

Durante a HDRio 20/21 foram realizados eventos de lançamento de diversos livros na área de Humanidade Digitais. Conheça alguns deles:



Os filhos da técnica, de Thiago Novaes.

O livro traz histórias vividas por pessoas nascidas com ajuda da técnica. Abrangendo seis países, os relatos relacionam-se à literatura de referência sobre a reprodução assistida no mundo, constituindo pesquisa de interesse para teoria de gênero, bioética, além de antropologia do corpo e da saúde, da ciência e da técnica.



Dados abertos interligados, de Carlos Henrique Marcondes.

Dirigido a profissionais de informação, gestores de acervos de instituições arquivísticas ou profissionais de tecnologia da informação de instituições que planejem desenvolver projetos de digitalização e publicação de seus acervos segundo as tecnologias de dados abertos interligados.



Educação e Humanidades Digitais - aprendizados tecnologias e ciberculturas, Sara Dias Trindade e Daniel Mill.

O livro conta com análises sobre o mundo educacional contemporâneo, baseadas na forma como as redes de comunicação interativas estão mudando a nossa relação com o conhecimento e afetando as estruturas mentais e sociais das pessoas. As sociedades digitais passam a exigir novos e diferenciados processos de ensino-aprendizagem.



A vida após o novo coronavírus: novos comportamentos, de Lucio Lage Gonçalves.

Explora quais poderiam ser as mudanças no comportamento humano com maiores chances de virem a ocorrer após a pandemia de Covid-19. O livro trata especialmente dos impactos nos relacionamentos interpessoais, nos modelos de negócios, no mercado de trabalho e nos hábitos de consumo.



A existência numérica, de Dóris Kosminsky, Barbara Castro e Luis Ludwig.

Um registro da exposição Existência Numérica, que apresentou a visualização de dados enquanto linguagem artística, com o objetivo de discutir como subjetividade, vigilância e a própria noção de verdade. O livro reúne textos de importantes pesquisadores no campo da visualização de dados e da arte.

MAIO ~ JUNHO/2021

**INFORMATIVO ELETRÔNICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

REVISÃO: SIMONE BASTOS RODRIGUES

PROGRAMAÇÃO VISUAL: BRUNO TOSTES DE AGUIAR

@unirio_oficial

@unirio_oficial

SUGESTÕES DE PAUTA: COMUNICACAO@UNIRIO.BR